

## Século XXI

*Por Raiany P. Gremes*

Era uma tarde de Domingo, aproximava-se a última noite de carnaval. Virgínia, Angela, Simone e eu resolvemos sair juntas. Combinamos que nos encontraríamos na casa da Virgínia às sete da noite, mas me atrasei por culpa do meu pai. Com o otimismo da ignorância ele passou um sermão: a minha roupa estava muito curta, eu não deveria sair vestida com aqueles trajes, pois não adiantaria reclamar se algo acontecesse comigo. Esse era só o começo das ofensas. Eu gostava do meu cropped branco transpassado, do short jeans curto e rasgado, que combinava com o meu tênis de luzinhas. Mas ele não tinha misericórdia nas palavras ditas. Depois de muita briga, depois de ouvir barbaridades, eu consegui sair de casa levando a roupa curta escondida na mochila.

Cheguei contristada na casa da Virgínia. Eram quase nove horas. Havia um sentimento estranho e desconfortável por ter que escutar aquelas coisas, mas bastou ver os pensamentos das minhas amigas alinharem-se ao meu para que logo me sentisse animada. Foi estimulante e não intimidante. Falamos do que havia acontecido e logo partimos rumo à outra conversa sem frivolidades.

Enquanto refazia a maquiagem que minhas lágrimas borraram no caminho até ali, Virgínia contava que, antigamente, lá por 1931, o carnaval se realizava na Rua Duque de Caxias, e que nessa época tipicamente popular a alegria era promovida pelas guerras de confetes, serpentinas e lança-perfume, uma informação nova para mim. O carnaval acontece na Avenida Presidente Vargas desde que comeci a frequentá-lo; lança-perfume é proibido por lei. Além disso, não imaginava esse carnaval popular de que ela falava. Segundo Angela, hoje em dia os poderosos se apropriaram da cultura carnavalesca, usando da cultura popular para fazer balcões de negócios.

Fomos interrompidas por uma batida na porta. Era Simone. Chegou aos prantos. Contou que os pais dela haviam dito que ela parecia uma puta, pois sua roupa estava curta demais. Estávamos quase com a mesma vestidura; eu havia escutado a mesma coisa. Senti vontade de esconder-me. Sei que, no fundo,



ela sentiu o mesmo. Conversamos pelo menos uma hora sobre o assunto, enquanto tomávamos Heineken, até decidirmos sair.

Ao longo da nossa caminhada, percebi que havia um grupo de homens aproximando-se. Vi que já nos observavam, senti que todas diminuíram a velocidade do passo. Foi quando Virgínia disse que era para continuarmos sossegadas, pois havia pessoas à nossa volta, havia muita gente indo e vindo, entrando e saindo nos portões de entrada para a grande festa. Continuamos.

Decidi nem olhar e não olhei. De repente, senti uma mão quente no meu glúteo esquerdo me apertar. Comecei a gritar, minhas amigas começam a gritar. Ninguém deu a mínima para o que estávamos falando. Não consegui continuar, sentei-me na frente de uma casa qualquer. Tudo o que eu queria era sair correndo, desaparecer igual faz o Shaco do League of Legends. Poderia ter acertado um golpe de campeã no desgraçado que passou a mão em mim e sumir como um flash. Não queria encarar ninguém nos olhos, sentia-me vexada de forma profunda. Haviam destruído o meu estado de liberdade. Engoli o choro enquanto todas me abraçaram forte. E logo fui para casa mentindo que estava tudo bem.

Encontrei a figura impenetrável do meu pai me esperando na sala. Estava com uma expressão entretida assistindo a um filme e não percebeu o meu desconforto. Imediatamente a história congelou nos meus lábios. Quando cheguei a meu quarto, ainda sentia aquela mão quente e funesta em mim. Senti ânsia de vômito, queria contar para o meu pai, queria contar para o mundo, mas não poderia, pois diriam que a culpa era minha, que eu gostei. Como eu poderia gostar? Fui tomar banho, me esfreguei como se estivesse suja, parecia estar imunda. Lembrei-me do meu pai falando das minhas roupas curtas. Por poucos minutos quase concordei com ele, mas não podia concordar com a repetição da cultura machista que mata um pouco de mim, e um tanto de nós a cada dia. Foi nesse dia que meu pai perdeu a sabedoria diante dos meus olhos.

Sentada em uma poltrona marrom – que chamam de “poltrona do papai”, mas prefiro chamar de “poltrona da mamãe” –, sigo observando a fotografia que me levou a rememorar uma noite nem um pouco agradável de carnaval. Nada parece aliviar a minha brusca ânsia de vômito. Sinto como se fosse hoje. Poucas sobrevivem à adolescência. Minha cabeça começa a latejar com a insistência da memória evocada. Lembro-me que desejei que o criminoso aparecesse morto e podre.

